

DOSSIÊ

BRECHT

P O R T R Á S D A T E L A

Os textos aqui reunidos prolongam a provocação reflexiva feita pelo CINUSP ao longo dos dois meses de filmes e debates da mostra "Brecht por trás da tela".

O tipo de cinema que o ciclo apresentou sublinha sua incompletude, afirmando sua presença como parte da matéria de sua época e exigindo dos que o assistem uma ação interpretativa que exponha esses vínculos históricos, iluminando num só movimento a obra e o tempo que a produziu.

Debatermos a herança brechtiana é o modo de construirmos o seu futuro. Ou melhor, o nosso.

Leandro Saraiva



O artista convidado do "Dossiê" nesta edição é Alexandre Carvalho, ilustrador do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Bertolt Brecht e Robert Altman são velhos amigos

No cinema e na literatura é hegemônica a idéia de uma dramaturgia centrada em torno do desdobrar-se de uma personalidade central. Este personagem, no ato de enfrentar e superar os conflitos que lhe são apresentados, revela sua subjetividade e seus desejos. É através do herói que o espectador se projeta nas duas horas de ficção que vê se desenrolar à sua frente. Já para Altman, como para Brecht, o personagem é uma máscara social. Não interessa sua psicologia, mas sim a posição que ocupa na rede de relações sociais. Ele é um comentário do autor sobre uma determinada categoria de pessoas, ou seja, um tipo, cujas ações e reações interessam ao espectador na medida em que desvendam seu lugar na sociedade. Entre o personagem e o espectador existe uma distância que impede a projeção e a identificação. Na verdade, somos colocados na posição de juízes que devem julgar e tomar partido: no caso de Brecht, um partido explicitamente comunista; no de Altman, mais libertário e crítico.

Entre os mais de 64 personagens de *Cerimônia de Casamento*, vamos escolher como exemplo Tulip Brenner, a mãe da noiva. Insatisfeita com a mesmice de sua vida conjugal, deixa-se seduzir pelo senhor Goddard, tio do noivo. Seu conflito é risível: o marido é prepotente e convencional; o amante, cômico, desinteressante e precipitado; e ela mesma uma caricatura de *Madame Bovary*. Desastrada nos amores, Tulip também é desastrada socialmente. Em vários diálogos faz comentários inconvenientes e censuráveis aos olhos da família burguesa do noivo. Assim, sua insatisfação sexual e ânsia de ascensão social a colocam numa posição que gera momentos fugazes de crítica à moral de sua família. Ao final, castigada pela providência divina, ela rejeita sua aventura e reafirma os seus preconceitos religiosos e de classe. Tulip não consegue romper com o papel que lhe é designado pela sociedade e afirmar uma vontade autônoma. Ora, é justamente essa capacidade de agir e transformar sua situação que dá estofamento a qualquer personagem; essa é a característica dos heróis e condição para nossa identificação. Tulip é capaz de mobilizar apenas nossa comiseração; nós a olhamos de cima e, através do riso, marcamos a distância que nos separa.

A abertura dos presentes,
o baile, o buquê...

Toda história tem começo, meio e fim. Mas os modos de organizar a narrativa são inesgotáveis. Tanto Brecht como Altman utilizaram as mais variadas estratégias, recusando o modelo tradicional centrado em torno do desenvolvimento de um conflito enfrentado pelo herói. Em *Cerimônia de Casamento*, a estrutura do filme é homóloga às etapas do cerimonial. Temos o casamento na igreja, a recepção dos convidados, a abertura dos presentes, o baile, o buquê sendo lançado etc. O personagem principal é a própria instituição do casamento. Esse tratamento analítico tem uma longa história. O exemplo mais óbvio é *A Greve*, de Eiseintein, em que também não existe um personagem principal e cuja estrutura visa a descrever o processo de realização de uma greve. Via Brecht – que foi muito influenciado pelo construtivismo russo – as estratégias narrativas de distanciamento tornaram-se moeda corrente nos anos 60, principalmente graças à popularidade de Godard. Um outro autor de grande influência no contexto americano é John dos Passos, que em *Manhattan Transfer*, por exemplo, faz da própria cidade o foco de sua narrativa. Também podemos encontrar vários outros exemplos na literatura, não necessariamente vinculados à militância de esquerda, como no caso de Tennessee Williams, *Glass Menagerie* ou de Thornton Wilder e, sobretudo, de James Joyce. A lista é longa. Vale apenas ressaltar que Altman é diretamente tributário dessa tradição modernista que busca alternativas ao modelo da narrativa melodramática.

Isto é muito pior do que a loucura!

Tanto Brecht como Altman colocam sob fogo cerrado o modo de vida burguês. Os personagens de Altman são escravos de sua posição social e, de modo completamente inconsciente, por ela sacrificam seus desejos e instintos mais humanos. Ao final de *Cerimônia de Casamento*, quando toda a hipocrisia das duas famílias foi revelada, o recém-chegado irmão de Luigi Corelli comenta que todos estão loucos. Luigi, interpretado por Vittorio Gassman e o único que parece ter alguma consciência do que ocorre a sua volta, responde: – *Isto é muito pior que a loucura!*

Pior que a loucura... sim, porque o louco ainda possui alguma relação vital com a existência. Já aqueles personagens assumiram a tal ponto sua máscara social que foram definitivamente tragados para fora de si mesmos. E este é um dos temas centrais de toda a filmografia de Altman: a crítica à alienação.

Cerimônia de Casamento é uma comédia

Goethe afirmou que a característica da comédia é terminar em casamento. Dentro desta definição, *Cerimônia de Casamento* é uma comédia. Por um momento, somos levados a crer em um desfecho trágico: o carro dos recém-casados teria sofrido um acidente. Segue-se um momento de grande conflagração entre as duas famílias, no qual explicitam-se os projetos por trás deste casamento: oportunidade de consolidar sua ascensão social, para a família Brenner, e a bem-vinda entrada de novos recursos, para a família Corelli. Mas, imediatamente após, descobrimos que o jovem casal havia sobrevivido. Respiramos aliviados, pois realmente assistimos a uma comédia. No entanto, o estrago já foi feito. O embate entre as duas famílias revelou a hipocrisia; latente durante todo o filme.

Vários títulos da filmografia de Altman terminam mal. Nisso ele rompe com uma regra de Hollywood – e por muitos anos pagou caro por essa opção. Essa é uma diferença fundamental em relação a Brecht, cujos personagens terminam por compreender seu papel na história, conquistam a sua “consciência de classe” e superam seus conflitos internos. Já para Altman, não existe possibilidade de reconciliação com a sociedade: seus personagens vivem em uma luta constante para conseguir assegurar uma humanidade precária. E geralmente fracassam.

Roberto Moreira

Professor de Cinema Rádio e Televisão da ECA/USP
Roteirista de *Um Céu de Estrelas*

Cerimônia de Casamento

